

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

Marcelo Pinheiro

**PEDAGOGIA AMOROSA:
UMA ANÁLISE DE O BANQUETE, DE PLATÃO**

Rio de Janeiro
2010

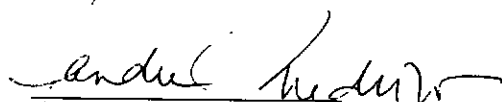
RELATÓRIO DE ORIENTAÇÃO DO ALUNO MARCELO PINHEIRO

Tendo por objetivo o esclarecimento do processo de elaboração da monografia do aluno Marcelo Pinheiro, matrícula 20002351050, relatamos a seguir os passos que foram dados e que resultaram na apresentação oral do trabalho.

No início da orientação, a professora Sandra Albernaz havia sugerido a leitura da obra *O Banquete*, de Platão, uma vez que o aluno manifestou o desejo de trabalhar com um filósofo grego e suas contribuições para a Educação. Foram realizados vários encontros com a finalidade da produção textual do aluno. Em função das férias da professora Sandra, assim como da professora Janaina Menezes, diretora da Escola de Educação, o professor Alberto Roiphe Bruno, substituindo a referida diretora, convidou o aluno a dar continuidade à produção de seu trabalho. Em ambas as circunstâncias, isto é, em encontros realizados com a professora Sandra e com o professor Alberto, notou-se a dificuldade de organização escrita do trabalho monográfico por parte do aluno. Decidiu-se, então, submeter ao Colegiado da Escola de Educação uma proposta alternativa de avaliação do aluno. Em reunião do Colegiado da Escola de Educação, do dia 04 de maio de 2010, conforme a 169ª Ata, foi discutida a situação e proposta a constituição de uma banca examinadora para a avaliação da defesa oral do trabalho, o que foi aprovado por unanimidade. Sendo assim, a defesa oral do trabalho se realizou no dia 30 de junho de 2010, às 14h30, na sala da Direção da Escola de Educação diante da banca avaliadora, constituída pela professora Sandra Albernaz, pelo professor Alberto Roiphe e pela professora Ângela Maria Sousa Martins.

Rio de Janeiro, 30 de junho de 2010.


Alberto Roiphe Bruno


Sandra Albernaz



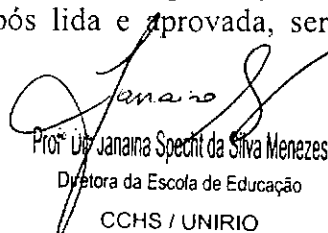
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH
Escola de Educação - EE

ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA DO COLEGIADO DA
ESCOLA DE EDUCAÇÃO REALIZADA NO DIA
QUATRO DE MAIO DE 2010.

1 No dia quatro de maio de dois mil e dez, às quinze horas e trinta minutos, em segunda
2 convocação, realizou-se a centésima sexagésima nona reunião ordinária do Colegiado da
3 Escola de Educação, na sala 403, do prédio do Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCH).
4 Conforme lista anexa, estiveram **presentes os seguintes professores:** Adriana Hoffman
5 Fernandes, Alberto Roiphe Bruno, Andrea Rosana Fetzner, Antonia Barbosa Pincano,
6 Carmen Diolinda da Silva Sanches Sampaio, Celso Sanchez Pereira, Cláudia de Oliveira
7 Fernandes, Dalton José Alves, Diógenes Pinheiro, Guaracira Gouvêa de Sousa, Janaina
8 Specht da Silva Menezes, Leila Lopes de Medeiros, Marcela Afonso Fernandez, Marcio da
9 Costa Berbat, Maria Elena Viana Souza, Maria Luiza Sússekind Veríssimo Cinelli, Mônica
10 Cerbello Freire Mandarino, Rita Maria Manso de Barros, Sandra Albernaz de Medeiros, Tania
11 Mara Tavares da Silva, Terezinha Maria Losada Moreira. Também estiveram presentes os
12 **técnicos em assuntos educacionais** Ana Maria Alexandre Leite e Luiz Gil Esteves.
13 **Justificaram a ausência** os professores: Ângela Maria de Souza Martins (aula no Mestrado
14 em Educação), Léa Velocina Vargas Tiriba (reunião do Fórum de Educação Infantil), Maria
15 Amélia Gomes de Souza Reis (licença), Maria Ângela Monteiro Corrêa (banca de concurso) e
16 Nailda Marinho da Costa Bonato (pesquisa de campo) e o técnico em assuntos educacionais
17 Miguel Farah Neto (viagem a trabalho). Após cumprimentar a todos, a professora Janaina
18 Specht da Silva Menezes, diretora da Escola de Educação, deu início à reunião. **1.**
19 **INFORMES: 1.1. Lançamento de notas dos Cursos de férias – 2010.** A prof^a Janaina
20 Specht da Silva Menezes informou que o aplicativo *lançamento de notas* das férias de 2010
21 está liberado no SIE. Tendo em vista que o procedimento de lançamento de notas é
22 disponibilizado pelo CPD em prazos definidos, a data de 14 de maio de 2010 foi estipulada
23 como prazo final para inserção no sistema das notas das disciplinas Educação e Economia
24 Política (prof. Dalton José Alves), Educação e Saúde (prof. Celso Sanchez Pereira), Educação
25 e Sociologia (prof^a Maria Luiza Sússekind Veríssimo Cinelli), Educação Infantil (prof^a Léa
26 Velocina Vargas Tiriba) e Tópicos Especiais: Fundamentos Teórico-Práticos (prof^a Tania
27 Mara Tavares da Silva). **1.2. Regularização da situação de alunos fora de pauta.** A prof^a
28 Janaina Specht da Silva Menezes informou que as pautas de disciplinas ofertadas em 2010/1
29 foram impressas e entregues nos respectivos Departamentos. Solicitou aos professores que
30 confirmem se há alunos cursando sem que seu nome conste na pauta. Neste caso, para evitar
31 problemas futuros e otimizar o lançamento de notas ao final do semestre, é necessário que os
32 professores encaminhem e-mail para Escola de Educação, informando nome e n° de matrícula
33 do aluno, solicitando sua inclusão na turma. O mesmo procedimento deverá ser adotado para
34 as disciplinas Monografia I e II, sendo que nestes casos, o professor deve preencher e assinar
35 também a Carta de Aceite, a qual deve ser entregue (pelo professor ou pelo aluno) na
36 Secretaria da Escola. Por solicitação de alguns professores, foi acordado que a Direção da
37 Escola de Educação encaminhará memorando ao CPD, solicitando a instalação do SIE nos
38 computadores dos núcleos de pesquisa e Departamentos de Ensino ligados à Escola. **1.3.**
39 **Interrupção do fornecimento de energia.** A prof^a Guaracira Gouvêa de Sousa informou
40 sobre o corte de luz, no sábado, dia 24/04/2010, fato que prejudicou as aulas de Informática e
41 Educação. Ressaltou que o sábado constitui-se dia letivo e que não houve qualquer
42 informação antecipada sobre corte de energia. A este respeito, a prof^a Janaina Specht da Silva
43 Menezes evidenciou que encaminhará memorando à Decania do CCH, solicitando
44 providências relativas à comunicação antecipada sobre possíveis cortes de energia associados
45 às obras de expansão do CCH/CCET. Além disso, a prof^a Guaracira Gouvêa de Sousa

46 informou que os banheiros e demais instalações não são limpos aos sábados. Sobre o
47 exposto, a profª Janaína Specht da Silva Menezes encaminhará solicitação de providências à
48 Secretaria Administrativa/Decania. **1.4. II Encontro presencial do Curso de Especialização**
49 **em Gestão Escolar.** A profª Andrea Rosana Fetzner informou que no dia 11 de maio de 2010,
50 ocorrerá o II Encontro presencial do Curso de Pós-Graduação *Lato sensu* - Especialização em
51 Gestão Escolar – modalidade a distância, no Teatro Mario Lago, Colégio Pedro II – Unidade
52 São Cristóvão. O encontro contará com a participação do professor Vitor Henrique Paro, da
53 USP, que abordará o tema “Gestão Escolar democrática e direito à Educação”. **1.5.**
54 **Estacionamento do CCH.** A profª Mônica Cerbello Freire Mandarino expôs as dificuldades
55 que vem enfrentando em relação ao uso do estacionamento do campus 458 da UNIRIO, fato
56 relatado também por outros professores. Por conta da falta de controle, o estacionamento tem
57 lotado, dificultando com que os professores e funcionários UNIRIO consigam vaga para seus
58 veículos. Foi estabelecido que a EE encaminhará expediente à Decania, solicitando
59 providências a respeito do controle do uso do estacionamento. **2. ORDEM DO DIA: 2.1.**
60 **Discussão do Calendário 2010 da Escola de Educação.** Após a inclusão de datas de eventos
61 já planejados pelos professores, o calendário da Escola, baseado no Calendário Acadêmico da
62 Universidade, foi aprovado pelo Colegiado. **2.2. Constituição de comissão para elaborar a**
63 **proposta atualização curricular do Curso de Pedagogia.** A profª Janaina Specht da Silva
64 Menezes informou que alguns professores sugeriram adequações no currículo do curso, que
65 está em vigor desde 2008/1. Relatou sobre a competência do Núcleo Docente Estruturante
66 (NDE), responsável por analisar e acompanhar a implantação do currículo. Após a leitura da
67 Portaria nº 898, de 03/12/09, que designou os membros do NDE do Curso de Pedagogia, o
68 Colegiado decidiu que a Comissão que se responsabilizará pela atualização curricular será
69 constituída pelos professores: Andrea Rosana Fetzner, Ângela Maria de Souza Martins,
70 Antonia Barbosa Pincano, Dayse Martins Hora, Janaina Specht da Silva Menezes, Marcela
71 Afonso Fernandez, Maria Luiza Sússekkind Veríssimo Cinelli, Rita Maria Manso de Barros,
72 Sandra Albernaz de Medeiros, Tania Mara Tavares da Silva e Terezinha Maria Losada. **2.3.**
73 **Proposta de alteração da normatização de Atividades Complementares.** A profª Maria
74 Luiza Sússekkind Veríssimo Cinelli informou que as Atividades Complementares são
75 normatizadas pela Ordem de Serviço PROGRAD nº 003, de 17/10/07, que apresenta em
76 anexo um quadro que discrimina os códigos para creditação das atividades, bem como a carga
77 horária máxima por atividade, por semestre letivo. Ressaltou, no entanto, que os alunos do
78 Curso de Pedagogia, em alguns casos, podem ser prejudicados pela restrição da carga horária
79 indicada por semestre para determinadas atividades executadas com maior frequência. O
80 Colegiado decidiu que a ordem de serviço que normatiza as Atividades Complementares, bem
81 como a proposta da profª Maria Luiza Sússekkind Veríssimo Cinelli, serão encaminhados, para
82 estudo dos membros do Colegiado e apresentação e discussão da reunião que aprovará a
83 atualização curricular. **2.4. Definição de novo membro da Comissão de Atividades**
84 **Complementares.** Foi aprovado o nome da profª Tania Mara Tavares da Silva, em
85 substituição ao prof. Diógenes Pinheiro, cujo mandato expirou ao final do ano de 2009. **2.5.**
86 **Solicitação de reingresso para 4ª habilitação, requerente FABIANA MARCELOS DE**
87 **CARVALHO BATISTA (20031351045).** O Colegiado deferiu o parecer da profª Sandra
88 Albernaz de Medeiros, que aprovou a solicitação de reingresso para cursar a 4ª habilitação,
89 tendo sido concedido prazo de dois semestres para conclusão da referida habilitação. **2.6.**
90 **Solicitação de reintegração, requerente ADRIANA GUIMARÃES RAMOS**
91 **(20022351018).** O Colegiado deferiu o parecer da profª Guaracira Gouvêa de Sousa, que
92 aprovou a solicitação de reintegração da aluna, condicionada a sua inserção no currículo
93 vigente (2008/1). O Colegiado concedeu prazo de sete semestres para integralização do curso.
94 Por solicitação da profª Guaracira, a estudante será convocada para reunião com a Comissão
95 de Matrícula, a qual orientará os seus estudos. **3. Inclusões à pauta. 3.1 Monografia do**
96 **aluno MARCELO PINHEIRO, matrícula 20002351050.** A profª Sandra Albernaz de
97 Medeiros discorreu sobre o processo de construção da Monografia do aluno Marcelo Pinheiro,
98 única atividade curricular pendente no seu histórico escolar. Por conta da especificidade do
99 caso – o aluno apresentou ótimo desempenho durante o curso, mas manifestou grandes

100 dificuldades em escrever a Monografia – os professores Sandra Albernaz de Medeiros e
101 Alberto Roiphe Bruno, que acompanharam o aluno, sugeriram a possibilidade de uma
102 avaliação diferenciada, como uma defesa oral do trabalho de conclusão de curso. A exposição
103 oral seria gravada e, se necessário, posteriormente transcrita. A profª Janaina Specht da Silva
104 Menezes relatou detalhadamente a situação acadêmica do aluno, que após jubramento, em
105 2004/2, por não renovar matrícula, foi reintegrado ao curso em 2005/2, conforme aprovação
106 do Conselho do CCH, em reunião realizada em 17/10/2005. Além disso, em 2008/1, quando
107 completava seu 14º período, obteve prorrogação do prazo de integralização curricular, o qual
108 foi estendido em dois semestres (até 2009/1), conforme parecer da Comissão de Matrícula,
109 aprovado na Reunião de Colegiado da Escola, de 02/10/2008. Em 2009/1 e 2009/2, o aluno
110 solicitou trancamento geral de matrícula, restando, portanto mais um semestre para conclusão
111 do curso, a saber, o corrente, 2010/1. A profª Antonia Barbosa Pincano, por conhecer o aluno
112 Marcelo Pinheiro, salientou que ele passou por problemas pessoais, que provocaram a
113 dificuldade apresentada, além de apoiar a proposição de adequar a forma de apresentação do
114 trabalho final ao caráter excepcional da situação. A profª Carmen Diolinda da Silva Sanches
115 Sampaio sugeriu que seja realizada filmagem para arquivo. Informou, por exemplo, que em
116 outros cursos, o arquivo do trabalho de conclusão de curso é em vídeo, não em texto. Ao final
117 as intervenções, o Colegiado aprovou, por unanimidade, que o aluno deve passar por uma
118 avaliação em forma de apresentação oral, que será registrada em mídia, para arquivo na
119 Direção da Escola. Foi definido que os integrantes da banca serão os professores Alberto
120 Roiphe Bruno, Sandra Albernaz de Medeiros e Ângela Maria de Souza Martins. **3.2.**
121 **Fechamento de turmas de disciplinas optativas.** Em atendimento à determinação de que
122 turmas de disciplinas optativas com menos que 10 (dez) alunos devem ser fechadas, conforme
123 Ata da reunião de Colegiado, datada de 04/07/07, serão encerradas as turmas das disciplinas
124 Ciência da Comunicação I, de responsabilidade da profª Terezinha Maria Losada, e Escola e
125 Diversidade, ministrada pela profª Tania Mara Tavares da Silva. Ambas apresentam
126 atualmente somente 3 (três) alunos inscritos, os quais terão as disciplinas excluídas do seu
127 histórico escolar, podendo incluir outras, de acordo com seus interesses. Nada mais havendo a
128 registrar, a diretora da Escola de Educação agradeceu a presença de todos e encerrou a
129 reunião, sendo lavrada a presente Ata que, após lida e aprovada, será por ela assinada e
130 arquivada.



Prof.ª Janaina Specht da Silva Menezes
Diretora da Escola de Educação
CCHS / UNIRIO

LISTA DE PRESENÇA

REUNIÃO ORDINÁRIA DO COLEGIADO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO - DATA 04/maio/10

	PROFESSORES	ASSINATURA
1.	Adilson Florentino	
2.	Adriana Hoffman <i>Fernandes</i>	<i>Adriana H. Fernandes</i>
3.	Alberto Roiphe Bruno	
4.	Aliny Lamoglia Carvalho	
5.	Andrea Rosana Fetzner	<i>AF</i>
6.	Ângela Maria de Souza Martins	
7.	Antonia Barbosa Pincano	<i>Antonia B. Pincano</i>
8.	Carmen Diolinda da Silva Sanches Sampaio	<i>Carmen Diolinda da Silva Sanches Sampaio</i>
9.	Celso Sánchez Pereira	
10.	Cláudia de Oliveira Fernandes	<i>Cláudia de Oliveira Fernandes</i>
11.	Dalton José Alves	<i>Dalton José Alves</i>
12.	Dayse Martins Hora	
13.	Diógenes Pinheiro	<i>Diógenes Pinheiro</i>
14.	Francisco Ramos de Farias	
15.	Guaracira Gouvêa de Sousa	<i>Guaracira Gouvêa de Sousa</i>
16.	Janaina Specht da Silva Menezes	<i>Janaina Specht da Silva Menezes</i>
17.	Léa Velocina Vargas Tiriba	<i>Justificou (part. reunião Fórum EI)</i>
18.	Luiz Eduardo Marques da Silva	
19.	Malvina Tânia Tuttman	
20.	Marcela Afonso Fernandez	<i>Marcela Afonso Fernandez</i>
21.	Márcio da Costa Berbat	<i>Márcio da Costa Berbat</i>
22.	Maria Amélia Gomes de Souza Reis	
23.	Maria Ângela Monteiro Corrêa	<i>Justificou (Banco concurso)</i>
24.	Maria das Graças Medeiros Tavares	
25.	Maria Elena Viana Souza	<i>Maria Elena Viana Souza</i>
26.	Maria Luiza Sússekind Veríssimo Cinelli	<i>Maria Luiza Sússekind</i>
27.	Mônica Cerbello Freire Mandarin	<i>Mônica Cerbello Freire Mandarin</i>
28.	Nailda Marinho da Costa Bonato	<i>Justificou (realizar pesquisa campo)</i>
29.	Nilci da Silva Guimarães	
30.	Rita Maria Manso de Barros	<i>Rita Maria Manso de Barros</i>
31.	Sandra Albernaz de Medeiros	<i>Sandra Albernaz de Medeiros</i>
32.	Tania Mara Tavares da Silva	<i>Tania Mara Tavares da Silva</i>
33.	Terezinha Maria Losada Moreira	
34.	Valéria Cristina Lopes Wilke	
35.	LEILA LOPES DE MEDEIROS	<i>Leila Lopes de Medeiros</i>
36.		

	TÉCNICOS EM ASSUNTOS EDUCACIONAIS	ASSINATURA
1.	Ana Maria Alexandre Leite	<i>Ana Maria Alexandre Leite</i>
2.	Eliane Ribeiro Andrade	
3.	Luiz Esteves	<i>Luiz Esteves</i>
4.	Maria Fernanda Nunes	
5.	Miguel Farah Neto	<i>VIAGEM A Trabalho</i>

	ALUNOS	ASSINATURA
1.		
2.		
3.		
4.		
5.		
6.		



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH
Escola de Educação – EE

ATA DA REUNIÃO PARA DEFESA ORAL DE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.

1 No dia trinta de junho do ano de dois mil e dez, às quatorze horas e trinta minutos,
2 realizou-se uma reunião para apresentação de defesa oral do trabalho de conclusão de
3 curso do Curso de Pedagogia, conforme aprovado em Reunião Ordinária do Colegiado da
4 Escola de Educação, datada de quatro de maio de dois mil e dez. Estiveram presentes os
5 professores Alberto Roiphe Bruno, Ângela Maria Souza Martins, integrantes da banca de
6 avaliação, a professora Sandra Albernaz de Medeiros, orientadora e o aluno Marcelo
7 Pinheiro, matrícula: 20002351050, discente a ser avaliado. Conforme gravação em anexo,
8 o estudante Marcelo Pinheiro apresentou oralmente seu trabalho de conclusão de curso,
9 correspondente a Monografia II, com a análise do livro O Banquete, de Platão. Após o
10 término da defesa do aluno, os professores continuaram reunidos e em seguida, elaboraram
11 seus respectivos pareceres sobre a apresentação oral, os quais seguem em anexo. Nada
12 mais havendo a registrar, a reunião foi encerrada, sendo lavrada a presente Ata que, após
13 lida e aprovada, será assinada pelos membros presentes e arquivada na Escola de
14 Educação.

Ângela Maria Souza Martins Alberto Roiphe

Sandra Albernaz de Medeiros

Marcelo Pinheiro



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH
Escola de Educação - EE

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: Marcelo Pinheiro

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: análise d' O Banquete de Platão

ORIENTADOR(A): Sandra Albernaz de Medeiros

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor orientador: Sandra Albernaz de Medeiros

Nota: 10,0

Considerações:

apresentação brilhante e consistente com reflexões muito pertinentes para o campo da Educação

DATA: 30.06.2010

Assinatura: [Assinatura]

SEGUNDO AVALIADOR

Professor convidado: Alberto Rogério Bruno

Nota: 10,0

Considerações:

O aluno demonstrou a leitura crítica e reflexiva do obra "O Sangue", de Platão, em uma apresentação absolutamente sem estrutura.

Data: 30.06.2012

Assinatura: [Assinatura]

TERCEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Angela Maria Souza Martins

Nota: 10,0 (DEZ)

Considerações:

O aluno apresentou reflexões muito criativas e significativas a partir de sua leitura da obra "O Banquete de Platão", mesclando a relação desta obra com a época de sua redação. Pela qualidade das reflexões confiro-lhe a nota 10,0 (dez).
Dudu

Data: 30/06/2010

Assinatura: Angela Maria Souza Martins

RESULTADO FINAL			
Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Média final
10,0	10,0	10,0	10,0 (DEZ)

Rio de Janeiro, 30 de junho de 2010.
André Medeiros

Prof. Orientador

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

Marcelo Pinheiro

**PEDAGOGIA AMOROSA:
UMA ANÁLISE DE O BANQUETE, DE PLATÃO**

Rio de Janeiro
2010

Marcelo Pinheiro

PEDAGOGIA AMOROSA:
UMA ANÁLISE DE O BANQUETE, DE PLATÃO

Monografia apresentada à Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO – como exigência final da disciplina de Monografia II para a obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia

Orientador: Professora Doutora Sandra Albernaz

Rio de Janeiro
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

PEDAGOGIA AMOROSA:
UMA ANÁLISE DE O BANQUETE, DE PLATÃO

Marcelo Pinheiro

Aprovado em: 30/06/2010

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Sandra Albernaz
Orientadora - UNIRIO

Prof.^a Dr.^a Angela Martins

Prof. Dr. Alberto Roiphe

RESUMO

O trabalho trata da “a pedagogia amorosa”, apresentada na obra de Platão, *O Banquete*. De acordo com esse trabalho de análise e de interpretação, o filósofo não seria o professor que ensina. Ele é, dentro de uma escala, aquele que através das suas vivências, em comparação ao que ele vê nos outros, aquele que acredita estar em condições de avaliar o grau dos outros. Que grau é este? É um grau de amor. Amor aqui, ou amar, é um conceito muito próximo a ser, existir. O filósofo percebe que não há muita diferença entre amar e ser.

Palavras-chave: Pedagogia, Filosofia, Platão

TRANSCRIÇÃO DA DEFESA ORAL DO TRABALHO MONOGRÁFICO

ÂNGELA MARTINS – Marcelo, queria que você me contasse o que te moveu à leitura de “O banquete”, que é um diálogo tão bonito de Platão, tão significativo? Eu queria que você conversasse sobre isso com a gente.

SANDRA MEDEIROS – Deixa eu só explorar um pouquinho assim: Como eu já expliquei, eu forcei um pouco a barra pro Marcelo ler “O Banquete”, porque ele dizia queria falar dos gregos. Aí, o primeiro que ele topou foi *Fédon*. Aí, eu falei ‘Ah, Marcelo, “O Banquete”, topa?’ Aí, ele topou. Então ,acrescentando a proposta da Ângela, eu vou ampliar um pouquinho a pergunta, o que os gregos, o que te atrai nos gregos, especialmente em Platão?

MARCELO PINHEIRO – Eu acho que primeiro é uma disposição natural, orgânica, eu não diria pras questões filosóficas, mas pra leitura filosófica da realidade, até em contraponto um pouco com o que viria a ser, ou o que vem a ser o da ciência, principalmente da física. E diz respeito também à questão do Fédon, era sobre, pegaria a teoria das reminiscências de Platão.

ÂNGELA MARTINS – É de Platão, a teoria educacional dele.

MARCELO PINHEIRO - E foi muito oportuno eu ter ido pra “O banquete”, porque eu tive oportunidade de conhecer o que eles chamam da Pedagogia amorosa. E a questão do amor.

De acordo com a leitura, eu já tinha algumas ideias, eu já tinha feito o curso, é o culminar do trabalho, então eu já vinha tendo uma ... e eu sempre gostei mais da área das disciplinas ligadas à filosofia, do prof. Miguel, da prof^a Valéria, da senhora. Embora, eu tirasse boas notas também com a prof^a Rita Manso...

ÂNGELA MARTINS - Você sempre foi um aluno muito bom. Muito bom, muito bom.

MARCELO PINHEIRO - Engraçado, algumas outras disciplinas, eu não sou tão... principalmente as disciplinas didáticas. Eu não sei por quê. É uma falha minha, de...

SANDRA MEDEIROS - É sua maneira de ser, né?

MARCELO PINHEIRO - Porque entra um pouco o planejamento, né? Então, comigo já não mais...

ÂNGELA MARTINS – E você é o pensar, né? A gente conversava isso.

MARCELO PINHEIRO - Eu já tinha feito algumas outras leituras no próprio curso, de disciplinas. Eu já tinha estudado "O Banquete", um pedaço, com prof. Miguel, a gente tinha falado muito sobre Platão. Aí, a questão do amor e da pedagogia amorosa: porque é uma oportunidade de falar um pouco sobre o que eu achei, até na minha trajetória de vida, a questão das relações. Os pontos... . Aí, eu fiz a leitura do texto...

SANDRA MEDEIROS – Explica, continua: 'os pontos...'. Termine aí, porque eu acho isso legal.

MARCELO PINHEIRO - Os pontos que vão tocar, aí, vou completar: Pela leitura e da proposta de Sócrates, é claro que eu fiz assim, uma interpretação. O trabalho não é um trabalho de revisão de literatura. Não. É um trabalho de leitura do texto e de interpretação.

SANDRA MEDEIROS - Deixa eu ver se eu entendi, Marcelo. Você começou a falar da importância que tem pra você a questão das relações. E o que essa sua questão tem a ver com a obra de Platão? O que ela tem a ver e qual a importância disso pra você, no Platão?

MARCELO PINHEIRO – Bem, a importância... deixa eu ver se eu entendi: a importância...

SANDRA MEDEIROS - A importância da questão das relações nesta obra e como isso repercute em você.

MARCELO PINHEIRO – É uma discussão, é o encontro. Tem uma coisa assim, tem os diálogos sobre o deus amor, fazer um elogio ao amor e são seis oradores, seis participantes e eu achei interessante que os primeiros, eles discursam, ele falam sobre o amor. Quando chega na vez de Sócrates, ele abre um discurso, ele abre um diálogo, ele apresenta a Diotima, ele introduz a Diotima para falar sobre o amor. Eu achei interessante porque ele bota um diálogo. Ele entra com... Eu achei isso importante, porque se é pra falar de amor, ele tinha que ter o interlocutor. Você tem que ter aquele que vai...

ÂNGELA MARTINS – E aí o encontro, você começou lá, daí o encontro...

SANDRA MEDEIROS – Então, nesse sentido, você tá chamando atenção à questão da dialogia...

MARCELO PINHEIRO - Da dialogia, isso.

SANDRA MEDEIROS - No encontro. E esse encontro é um encontro cujo tema é um tema que deve marcar ou que marca frequentemente as relações.

MARCELO PINHEIRO - Eu acho interessante essa questão de 'RE'. Eu tava separando, teve uma determinada hora que eu fui vendo quantas vezes ele usa esse REconciliar, "RE", "RE", "RE"... . Tem a teoria das REiniciências. Então, REmete a uma.... É como se fosse buscar um...

Vou falar um pouco sobre... a questão do Sócrates, quando ele... Eu vou fazer agora, se vocês me permitem, um voo...

SANDRA MEDEIROS – Ok, se você voar demais, daí, eu seguro, tá bom?

MARCELO PINHEIRO - Sócrates, nós temos aquela partida tradicional, dos pré-socráticos e dos socráticos. O meu voo seria de ver que, primeiro: os pré-socráticos seriam caracterizados assim porque eles seriam filósofos da natureza, filósofos naturais, preocupados com a mecânica, o princípio, a origem. Então você tem que o princípio era o fogo, o princípio é a água, é a terra, era o indeterminado.

ÂNGELA MARTINS – Era a busca da *arché*, lembra?

MARCELO PINHEIRO - Da *arché*, exatamente.

MARCELO PINHEIRO - Eu assim, pelas minhas leituras, eu não consegui ver a quebra de Sócrates, que seria empurrado um pouco pra questão moral, ética, e aí, teria feito uma distinção entre os pré-socráticos...

ÂNGELA MARTINS - Uma ruptura

MARCELO PINHEIRO – Aí, o meu vôo: eu acho que Sócrates, ele falava de um princípio. Ele poderia ser enquadrado dentro de um filósofo natural.

ÂNGELA MARTINS – É, Marcelo, estamos lançando uma nova tese?

SANDRA MEDEIROS – Por isso que eu queria que ele fizesse filosofia. Por quê?

ÂNGELA MARTINS – Agora eu to interessada...

MARCELO PINHEIRO - Então, você tinha os pré-socráticos, que tentavam dar conta da diferença, do uno, do duplo, da variedade e pra sair daquela questão mítica, dos deuses, que deram origem, que criaram. Eu posso estar cometendo um erro, porque eu não sei se os gregos falam de criação também.

ÂNGELA MARTINS – Falam. Falam também.

MARCELO PINHEIRO – Então, Sócrates, quando fala... Eu tinha feito até assim... Você tem: o princípio é o fogo, a água, a terra, o indeterminado, o ar. Eu botei assim: Sócrates, o princípio é o amor.

ÂNGELA MARTINS - Ele sai do princípio *physis*, material, e vai pra um princípio...

SANDRA MEDEIROS – Subjetivo, né?

ÂNGELA MARTINS - ... Ligado à afeição, à ética, ele também busca princípio, só que um princípio de outra natureza.

MARCELO PINHEIRO - Não!

ÂNGELA MARTINS – Não? Então, explica.

SANDRA MEDEIROS - Eu diria que é o amor da mesma natureza que a água tem a força.

MARCELO PINHEIRO – Isso!

SANDRA MEDEIROS – Por que tem a ver com amor corporal, é isso?

ÂNGELA MARTINS – Por que, Marcelo? Agora, eu to intrigada...

MARCELO PINHEIRO - Tem a ver com a questão corporal. É como se você buscasse, da água, que é um elemento natural, então já não é mais um princípio, já não é mais a lágrima de uma deusa, é o oceano, é o ar. Isso é a substância, é o que dá origem, tanto ao uno, como ao múltiplo, então é algo palpável. E daí até que vem, recentemente, alguns autores, pelo menos, eles

falam que os pré-socráticos faziam uma ciência rudimentar. Daí que teria começado os venezianos, o Thales, os aponistas, ou seja, substância natural. Não é mais algo saído da substância. Seria a procura por uma substância. Por um fundamento.

ÂNGELA MARTINS - E Sócrates?

SANDRA MEDEIROS – Vamos voltar para Sócrates.

MARCELO PINHEIRO - Sócrates fala do amor, mas pra mim seria uma proposta, eu não sei como se chama... Ele esta dentro dessa categoria, também. Por que ele busca uma substância, ele busca também uma natureza, algo natural. E não o subjetivo.

ALBERTO BRUNO - Por que essa hipótese?

SANDRA MEDEIROS - Por quê? Não entendi...

ÂNGELA MARTINS – Interessante...

MARCELO PINHEIRO – Qual seria então, o princípio? Se é o amor, e o amor é uma relação.

SANDRA MEDEIROS - Ele não considera o amor como uma coisa em si, ele considera o amor sempre como relação?

MARCELO PINHEIRO - Sim, uma relação. E o princípio. E daí que vem as coisas. Inclusive a natureza, a matéria. Eu tô dizendo matéria, mas eu não sei especificar se é a matéria como hoje a física, eu sei que tem. Eu estou procurando excluir um pouco todo esse conhecimento depois, mais concentrado lá, no tempo deles. Então, eu gostaria que vocês pudessem perguntar.

ÂNGELA MARTINS – Então, seria você... A tradição do pensamento filosófico diz que há uma ruptura. Na história dos gregos há uma ruptura. Aqui estão os pré-socráticos. A ruptura nem é temporal, isso é uma coisa boa, porque todo mundo fala os PRÉ- socráticos, acha que uma questão de história temporal, e não é

SANDRA MEDEIROS - Historicamente falando, não.

ÂNGELA MARTINS - É uma questão da natureza de questionamento. Os pré-socráticos investigariam as *archés*, a *phisis*. Quais são os princípios primeiros do mundo. É uma cosmologia. Os pré-socráticos investigam o campo da cosmologia. Da investigação filosófica ligada a questão cosmológica. E a grande quebra seria a quebra de todo grupo representado por Sócrates e Platão, que seria uma mudança qualitativa de questionamento filosófico.

SANDRA MEDEIROS - Da natureza de questões.

ÂNGELA MARTINS - Das questões ligadas à política, à ética, às leis, à condução da cidade, à condução dos seres humanos, aí, está o amor, a questão da educação. A mudança até, Marcelo, deve ser um ponto, porque são duas qualidades de princípios. Um é o princípio ligado a questão do que move o humano, o foco é o homem; e outro, o foco é a natureza, *lato* sentido.

SANDRA MEDEIROS - Ele não faz essa ruptura.

ÂNGELA MARTINS - Ele não faz a ruptura. Você coloca o amor dentro da mesma qualidade que a natureza.

SANDRA MEDEIROS – Ou seja, não houve mudança de natureza, no sentido não natureza natural.

ÂNGELA MARTINS – Natureza no amplo sentido.

SANDRA MEDEIROS - A natureza das questões de Sócrates são do mesmo teor que a dos Pré-socráticos. Você diria então, que não haveria pré-socráticos.

MARCELO PINHEIRO - Eu não saberia dizer se houve ruptura com Platão.

ÂNGELA MARTINS – Eu entendi. É o que eu to falando. Que é uma tese histórica... Sempre com paradigma. Mas é bom, a filosofia é isso aí, é esse caminho.

MARCELO PINHEIRO - Quando Sócrates, no diálogo com a Diotima fala sobre a pedagogia amorosa, eu acho que dá uma leitura pra você entender que é uma busca substancial. Não é algo subjetivo. Quando a gente vem... Como se fosse uma dicotomia, agora: subjetivo e objetivo. É ainda uma discussão sobre essa separação: sujeito e objeto. Que pode haver essa separação. Então, é

uma discussão que me remete ao período anterior, a essa tradição de busca por *physis*. Seria ainda uma discussão sobre a *physis*. *Physis* como algo que te dá suporte, ou um objeto. Tem uma parte que ele fala disso, é uma... Como se fosse uma escada para.... [consulta].

ÂNGELA MARTINS – O livro ta todo marcadinho, hein...

SANDRA MEDEIROS – É mais uma edição do livro.

ALBERTO BRUNO – É uma REleitura.

MARCELO PINHEIRO – Inclusive quando ele vai falar a questão da beleza, do belo, eu acho que dá uma leitura de remeter ainda a uma observação. Aquilo que você vê, o que você está vendo. É uma questão empírica, não seria algo idealizado, e algo que você vê. E porque você vê, é como se você... te direciona, porque você está vendo. E você age porque você vê. A sua ação se torna mais... É como se você pudesse levantar, eu sei que porta está ali, eu simplesmente levanto e vou. Se eu vejo, eu não preciso fazer uma elaboração, pra fazer isso, esse movimento. Eu estou vendo. Então, eu vejo e ajo.

ÂNGELA MARTINS - Você acha que o amor é uma força desse tipo? Você acha que ela não é totalmente abstrata, mas ela faz o homem agir e se relacionar? É isso, a sua tese? Daqui a pouco eu estou entrando no teu discurso e filosofando....

SANDRA MEDEIROS - Deixa eu te perguntar um negócio: você está...

MARCELO PINHEIRO – É no final do discurso de Sócrates. Aí, Diotima diz: "Por ventura pensas, disse, que é vida vã a de um homem a olhar naquela direção e aquele objeto, com aquilo com que deve, quando o contempla e com ele convive? Ou não consideras, disse ela, que somente então, quando vir o belo com aquilo com que este pode ser visto, ocorrer-lhe-á produzir não sombras de virtude, porque não é em sombra que estará tocando, mas reais virtudes, porque é no real que estará tocando?".

SANDRA MEDEIROS - Aí tem uma característica do Platão, né?

MARCELO PINHEIRO – Essa questão do real, eu acho, bem... Essa minha interpretação, essa minha leitura foi a de que há um aspecto da *physis*, ali.

Deixa eu ver se eu consigo assim, buscar um exemplo: nós estamos aqui, nós temos um certo acordo. Nós estamos dentro de uma estrutura aonde nós conseguimos fazer um diálogo. Se por ventura entrar alguém aqui, já tem um estranhamento. É como se a pessoa fosse... Pra ela também dialogar, ela vai precisar de uma certa acomodada.

SANDRA MEDEIROS - Vai precisar de tempo, né?

MARCELO PINHEIRO - E a questão de tempo também entra um pouco aí. Até ela... Por que se não, não vai haver o quê? O diálogo. A gente não vai conseguir trazer pra gente mais um elemento de diálogo, de conversa, vai ter sempre uma ruptura.

SANDRA MEDEIROS - Você estava falando depois sobre o real.

MARCELO PINHEIRO - O real como o amor, como uma relação amorosa e o tecido. É como se o real, o amor e o tecido, ou seja aquilo que você consegue literalmente pegar.

SANDRA MEDEIROS - O que tem textura.

MARCELO PINHEIRO - O que tem textura. Daí a idéia ainda, de *physis*. Algo que você... Natural.

Existe dentro do texto, um diálogo, que eu acho importante, também, depois, eu botei uma parte com Alcebiades... quando Alcebiades faz a intervenção dele, que é a questão da reconciliação. Que é quando Sócrates pede pro Fedro "toma cuidado", recomenda a Fedro, que é o dono da festa, porque Alcebiades estava muito nervoso pra falar com Sócrates, exaltado e Sócrates fala "não, toma cuidado, Fedro, ou você obtém a reconciliação entre eu e Alcebiades, ou me protege da violência". Se não houver essa reconciliação de novo, ou seja, se ele não conseguir entrar com Alcebiades no diálogo que teria gerado o desencontro, vai haver violência. E a violência é decorrência de um desencontro. Não só de linguagem, mas é um desencontro..., ou seja, pra voltar a ter a tessitura, o tecido, pra eles voltarem à questão amorosa, a desenvolver amor, e voltar à substância, aquilo que você consegue ver e distinguir e agir, o caminho é a violência, a violência como desinformação,

como fuga da realidade, ou fuga do tecido e fora do tecido não há encontro. Entra um pouco a questão de tempo. Entraria.... É como se você, fora do tecido, fora da não relação, ou seja, reconciliar, pra poder explicar novamente, pra conversar e voltar pro tecido. Através do diálogo, você volta pro tecido. É uma oportunidade pra isso. Então, ele recomenda e Alcebiades nega a reconciliação.

Alcebiades depois é visto, é apresentado como... Primeiro, ele entra bêbado na festa, mas isso, acredito que fosse, uma ideia de que ele está descentrado, por isso que ele está violento, por isso que ele está descentrado. Ele não está num momento de... O discurso dele é a partir dessa não realidade, ele não está no real. E Sócrates fala isso pra ele, num determinado momento, fala que ele não está com o olho aberto.

Só uma parte na questão do tempo...

SANDRA MEDEIROS - Depois eu quero fazer uma pergunta...

MARCELO PINHEIRO - O tempo... É como se deixa eu voltar só aqui ao nosso exemplo....Nós estamos acordados, aqui. Eu acho até engraçado, interessante essa palavra 'acordado'.

SANDRA MEDEIROS - Ligados pelo coração.

MARCELO PINHEIRO - É, e acordados, também.

SANDRA MEDEIROS - Em acordo.

MARCELO PINHEIRO - Não estamos dormindo, também, estamos acordados. Então se eu fizer, nós estamos dentro de uma estrutura, de uma certa estrutura. Dependendo de uma postura minha, por exemplo, se eu levantar e fizer um gesto qualquer, dentro de uma lógica que eu pensei no momento, eu vou gerar a mesma ruptura que alguém que entre e não esteja dentro...

SANDRA MEDEIROS - É. Esta fora do tecido.

MARCELO PINHEIRO - É. Esta fora do tecido. Então, eu precisaria de um tempo para voltar, a que nós voltássemos a um diálogo, ou seja, voltássemos para o tecido. Por quê? E eu acho que o texto também dá um pouco a entender

isso, um pouco na fala da Diotima, quando ela diz que vai falar pra Sócrates, mesmo sem saber se ele está preparado, mas ela vai falar “eu vou falar assim mesmo”. Eu acho que é uma oportunidade para dizer que... É como se fosse dando ainda ideias sobre esse tecido... Então, é a necessidade de falar, ou a natureza dessa relação amorosa é a fala. Se é através da relação do amor, através do amor que a gente consegue tocar o real, o tecido, eu preciso, quando eu faço um gesto, se eu fizer um gesto que não esteja, que eu não tenha sinalizado, eu vou entrar num outro tecido, eu vou sair daquele tecido, estarei fora e fora do tecido, entra o tempo da explicação. Por que eu vou ter explicar, eu vou ter que perder, eu vou ter que largar o tecido. E o que é o tecido? É o tecido que faz com que eu veja, que eu esteja vendo, e se eu estou vendo, eu não preciso perder tempo. Aí, eu vou entrar num terreno já muito arenoso que é a questão do desejo e do amor, também pegando esse lado do desejo.

Se eu tenho um desejo de fazer um gesto, eu posso fazer. Mas como eu preciso estar conciliado, eu preciso estar na relação, eu preciso ter certeza que meu gesto vai ser entendido. Porque se não, eu não vou ter liberdade pra fazer. Ou é uma liberdade que vai gerar, como ele diz aqui no texto, vai gerar frutos. Esse gesto, esse desejo, vai gerar frutos. É como se ele fosse criar um... deixa eu voltar aqui...

A minha liberdade pra continuar junto do tecido, ou seja, tocando o real, eu tenho que ter a certeza de que eu estou, os meus gestos são ainda dialogados, são entendidos. Porque ele mantém uma... É ele que está mantendo um tecido.

SANDRA MEDEIROS – Eu queria que você explicasse essa questão do amor, do diálogo, Diotima, Sócrates, da violência de Alcebíades, porque aí, até mesmo nessas condições está presente relações e relações de amor. A gente se engana, frequentemente, achando, que em relações de amor, está sempre todo mundo encantado, bonzinho. Nas relações de amor têm violência, têm discordâncias, tem um gesto abrupto que nem sempre sintoniza com o tecido. As relações de amor são às vezes conflituosas, tensas. Então, eu queria que você procurasse pensar essas questões pra cá, pra Educação. Como é que isso,

em que isso.... Veja bem, eu NÃO quero que você me diga em que essas idéias deram suporte à políticas e tendências pedagógicas, não é isso que eu quero. O que eu quero é que você fale em que, como nós podemos pensar essas questões, o amor em todas essas dimensões. O amor é uma dimensão de intensidades, né? Ela não é uma dimensão estática e cristalizada. O próprio diálogo no "O Banquete" diz isso. Tem violência, tem descentramento, essas questões todas. Em que isso nos ajuda a pensar melhor nas práticas educativas, nas relações educativas?

MARCELO PINHEIRO – Eu lembro de uma aula da prof^a Tunica, uma aula de EJA, Educação de Jovens e Adultos, quando ela fala na disciplina Educação de Jovens e adultos, que ela falava do cuidado que se tem que ter com aquele alunos.

SANDRA MEDEIROS – Aí, você está entrando numa coisa legal, que é uma situação do amor sendo cuidado.

MARCELO PINHEIRO - Ela diz que num gesto, numa palavra, num senão, você pode perder o aluno que não é mais obrigado a frequentar. Ele vai porque ele quer. Ele não precisa ir. Não tem aquela coisa da obrigação. E você perde. E ela falava do cuidado que o professor, o profissional da Educação na EJA precisa ter, dessa preocupação. Foge um pouco da preocupação técnica. Entraria mais um pouco em outras habilidades.

ALBERTO BRUNO - Cuidado com o outro, né?

MARCELO PINHEIRO – Cuidado, isso! Isso é um dos aspectos que eu acho que tem uma questão que é... Eu acho que também é um outro voo, mas eu não sei se seria....

SANDRA MEDEIROS - Eu acho que você voa legal, vai lá, no seu voo.

MARCELO PINHEIRO – É a questão de ouvir. Engraçado, eu tava ali na antessala, e ainda pensei assim, como se fosse um teste de tudo que você aprendeu ao longo da sua vida e junto com a vida, a escola, os encontros, os professores. O que você faria ali naquela sala, se você pudesse falar, para dizer

assim "isso que eu aprendi". A primeira coisa que me veio foi o seguinte: "eu vou ficar calado, o tempo todo". Porque...

ÂNGELA MARTINS e SANDRA MEDEIROS - Por quê?

MARCELO PINHEIRO – É a questão de ouvir. Bom, eu acho assim, eu não tenho experiência em sala de aula, como professor, fora as disciplinas de Pesquisa. Eu acho que, cada pessoa ali, ele já tem um... ele já estão voltando pro tecido, eles já estão em um tecido, porque eles sabem dar conta, ou seja, eles sabem falar sobre isso, eles sabem discursar sobre esse tecido, que eles já estão tocando. Eles... Eu tenho a impressão de que eles discursariam bem, cada um sobre seu tecido. E eu acho que, às vezes, isso não é importante, a gente não vê isso. Nós temos toda uma preocupação amorosa. É como se, nós estamos ali pra..., ou seja, a Escola é um lugar de ciência. É um caminho da ciência. É um caminho pra você fazer o que? Lidar com as coisas reais. Então, se eu gosto de você, eu quero evitar que você caia em quimeras e fique próximo ao real. E é um gesto amoroso, é um gesto de amor. É como se o conhecimento humano gerasse "aqui foi onde nós chegamos e o que nós podemos oferecer como caminho mais correto pra você...". Já está dializado. Tem a questão do REalizar-se, também. De se realizar. Não é só tocar o real. É realizar. Não é isso que a gente fala?

SANDRA MEDEIROS - Realizar quer dizer o que, exatamente? Eu queria que você falasse sobre a questão da palavra 'realizar'. É porque tem o 'realizar' do senso comum.

MARCELO PINHEIRO – Tem o realizar do senso comum...

SANDRA MEDEIROS -... Mas eu estou entendendo que você não tá querendo usar o senso comum.

MARCELO PINHEIRO – O 'realizar' que fala um pouco na obra...

SANDRA MEDEIROS - É o 'se tornar real'?

MARCELO PINHEIRO – É se tornar real. O 'realizar' tem no texto, quando começa o texto, o Fedro, ele... Não é o Fedro, é o anterior... eu posso voltar aqui... É quando...

SANDRA MEDEIROS – É interessante, né? A morosidade nas relações educativas, mas não essa morosidade piegas... Tô tentando sintetizar um pouco, tá? Mantém o outro, o aluno, o estudante, na tessitura, e fazer com que essa tessitura se torne mais complexa. Eu não queria usar essa palavra, mas vou usar, integração do aluno, estar na tessitura e permite que ele SE realize, no sentido de se tornar real. Deixa de ser uma suposição, abstração, pra ser...

ALBERTO BRUNO – Palpável, né?

SANDRA MEDEIROS – Palpável.

MARCELO PINHEIRO - É como se ele fosse SE apalpando.

SANDRA MEDEIROS - Daí, a questão corporal, né?

MARCELO PINHEIRO - Daí, a questão corporal. Eu fui até, eu não conhecia esse texto do prof. Miguel, que ele tem um livro falando de Nietzsche. Nietzsche e o corpo, do corpo em Nietzsche, eu folheeí, e eu já tinha um pouco essa idéia de Nietzsche, que fala da questão do corpo, que remete muito ao corpo, e tem um quê disso. É corporificação mesmo.

SANDRA MEDEIROS – A questão do real tem a ver com a corporeidade.

MARCELO PINHEIRO - Tem a ver.

SANDRA MEDEIROS - A gente combinou uma coisa que eu to me perguntando agora. A gente vai ter um tempo, pra concluir o nosso papo hoje aqui?

ÂNGELA MARTINS - Tá ótimo!

SANDRA MEDEIROS - Quando é que a gente pode pensar em fechar, pra gente poder se cercar direito.

ÂNGELA MARTINS – Acho que daqui há uns quinze minutos, porque já estamos aqui há uma hora.

SANDRA MEDEIROS – Sem perceber, já estamos aqui há uma hora, né?

ÂNGELA MARTINS - Defesa mesmo.

SANDRA MEDEIROS – Nossa, eu tô adorando!

ÂNGELA MARTINS - Quer dizer, estamos aqui, vai fazer uma hora, porque foi 2h25min e já são 3h20min. Uma hora, viu, Marcelo.

SANDRA MEDEIROS - Eu to adorando, eu to achando muito legal!

MARCELO PINHEIRO - Tem um trecho, logo no começo do livro, é um diálogo entre o Apolodoro e um amigo, que eles querem saber sobre "O banquete", que é narrado, e ele teria acontecido cerca de 60 anos antes desse diálogo inicial, que é um amigo contando pro outro.

SANDRA MEDEIROS - Então, é a reminiscência?

MARCELO PINHEIRO - É uma reminiscência

SANDRA MEDEIROS - Em Platão, a reminiscência é fundamental?

MARCELO PINHEIRO - Ou seja, é um tempo passado, passou bastante tempo depois dessa...

ÂNGELA MARTINS - É bonito, em Platão. Educar é lembrar. Pra ele, educar é praticar reminiscência.

SANDRA MEDEIROS - Nós saberíamos, o que ele está devendo a gente. Isso é muito interessante. Muito interessante...

ÂNGELA MARTINS - Acho que era do *Menon*. É a teoria da reminiscência. Da lembrança.

MARCELO PINHEIRO - Tem no *Menon*, tem um pouco no *Fédon*, também. E eu acho uma questão interessante, vou falar rapidamente: é que no *Fédon*, depois que Sócrates, ou antes de beber, o último diálogo de Sócrates é uma recomendação ao companheiro dele, a um amigo, para que pague um galo que ele teria pego, ou encomendado. Ele recomenda. É a última recomendação de Sócrates. Depois, então, ele se encontra com a família, mas aí, não tem o que ele fala. Mas seria isso: "venha aqui e paga o galo ao fulano".

SANDRA MEDEIROS - Preocupação com o outro, né? O cuidado com o outro.

MARCELO PINHEIRO - Eu acho isso uma questão central de todo... Terminar a vida...

ALBERTO BRUNO – Dignidade.

MARCELO PINHEIRO -... Filosófica de tanto, não era conhecimento que eu queria dizer, de investigação, com uma questão que parece muito singela. Não para o galo, mas pra mim, resulta tudo que ele dispunha. Ou seja...

MARCELO PINHEIRO - Ou seja, não pagar o galo, não pagar isso, vai criar um estado fora... Vai gerar talvez o que tenha gerado com Alcebíades, uma discussão. Um tempo diferente daquele que seria simplesmente o fato em si. Ou seja, teve um fato que poderia gerar a discordância. Então, ele tava preocupado em manter isso.

ALBERTO BRUNO - Pra não romper o tecido?

MARCELO PINHEIRO - Pra não romper o tecido que talvez esse tivesse encontrado.

SANDRA MEDEIROS - Marcelo, deixa eu fazer uma perguntinha. Assim, Alberto falou... Eu já tava meio elaborando: você considera Sócrates um conservador? No sentido de... Não no sentido crítico na palavra, manter na defesa, as ações do homem Sócrates, do filósofo Sócrates, eram no sentido de manter, de não zarpar... Ele até aceita a discussão com Alcebíades, ele entende que ali pode ter violência. Mas a tendência dele é preservar, não é não? Porque eu fico pensando... Eu tô com quinhentas coisas aqui na cabeça...

MARCELO PINHEIRO - Eu acho que talvez ele preservasse aquilo que ele descobriu. Talvez, ele tenha descoberto o seu tecido e como foi algo que lhe deu chão, ele ficou talvez... é uma questão interessante... é a descoberta do seu tecido. Ele descobriu o tecido. E é por natureza da *physis*, como é o amor que dá o tecido, e o amor é relacional, ele precisa manter o tecido dele em diálogo. Por que se não ele perde essa idéia...

SANDRA MEDEIROS – Isso é demais, né? Porque essa idéia de conservador, de alguém que é conservador, virou um senso comum tão bobo, que é exatamente isso que você tá dizendo. É a idéia de conservar, de preservar, de cuidar. Legal, gostei a beça... Eu gostaria que você concluísse, e o cuidar?

MARCELO PINHEIRO – Bom, então, aqui, quando ele fala, seria dos prêmios, ou seja, se você não mantiver o seu tecido aberto, você tem o que talvez, nesse diálogo aqui, o Apolodoro conversando com o Glauco: “Ó Glauco?, tornei-lhe. Não sabes que há muitos anos Agatão não está na terra...”. Agatão era um dos que participaram, lá. “...e desde que eu freqüento Sócrates e tenho o cuidado de cada dia saber o que ele diz ou faz, ainda não se passaram três anos? Anteriormente, rodando ao acaso e pensando que fazia alguma coisa, eu era mais miserável que qualquer outro, e não menos que tu agora, se crês que tudo se deve fazer de preferência à filosofia”.

Então, eu acho interessante esse... Ou seja, antes do encontro de Sócrates, ou do encontro com a filosofia, ou a filosofia como, não um veículo, mas uma... Esse encontro socrático, que ele, a filosofia que ele falava era um encontro com Sócrates, ele estava rodando ao acaso anteriormente, sem essas conversas, eu estava rodando ao acaso e pensando que fazia alguma coisa. Então, assim... É como se, se não houver, se o teu tecido não estiver participado, você está rodando ao acaso. Você está fazendo... Não é que você não esteja fazendo como ele dizia. É só a partir de um certo momento que ele pode fazer a comparação, o antes e o depois. Como é que ele sabe que ele estava rodando ao acaso? De onde vem o lançar, ou seja, o ver, que ele não estava no caminho, ele estava ao acaso e pensando que fazia alguma coisa? Então, talvez, fora dessa construção, ou seja, tem um pouco a ver com a liberdade...

SANDRA MEDEIROS – Você já embarcou um outro assunto.

MARCELO PINHEIRO - Eu só teria liberdade, pra manter a minha liberdade, eu preciso manter o diálogo. Então, eu vou sair fazendo alguma coisa, como no diálogo tem, quando Sócrates recusa os prêmios da guerra, né? Ele salva o companheiro da batalha, e ele não quer a medalha, ele dá a medalha pro outro. As honrarias, ou outros eram políticos, uns eram políticos, outros tinham posses, e tem um trecho, uma hora que ele fala assim: “mas você não... parece que isso não lhe agrada, não chama sua atenção pra isso”. Ou seja, tudo que nós queremos, ou seja, tudo que está acordado que é uma realização, ou seja, eu ganho uma medalha, então, eu realizo algo. Isso você não... Não lhe realiza.

Sua realização é de outro tipo e no meu entender, eu acho que é isso que ele procura, porque ele entra em contato com muitas pessoas, no próprio texto fala que ele vai aos pescadores. O Alcebíades fala: "Ah, mas você vai nos pescadores, você vai nos ferreiros, você vai nas conversas". Eu acho que ele estava... Sócrates procurava exercer, continuar tocando seu tecido, conversando e talvez através de mostrar isso, os outros também como o rapaz, pudessem fazer esse antes e depois.

SANDRA MEDEIROS - Posso encerrar, Marcelo?

MARCELO PINHEIRO - Pode.

BIBLIOGRAFIA

PLATÃO. *O Banquete*. 2ª ed. Tradução, introdução e notas de J. Cavalcante de Souza. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

_____. *Diálogos: Menon, Banquete, Fedro*. Rio de Janeiro, Ediouro/ Tecnoprint, s.d.